

## FUNDO POÉTICO DO CONTO “UMA CERTA PORTA” DE BERNARDO ÉLIS

**Emílio Vieira das Neves**

Academia Goiana de Letras (AGL)

Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE)

[evn\\_advocacia@hotmail.com](mailto:evn_advocacia@hotmail.com)

---

“O romance é a vida, o conto é o caso” (Lúcia Miguel Pereira, “Machado de Assis”, Rio, s/d, p.266).

“O contista ideal tem a intenção ideal de contar, em um tempo curto e em um curto espaço, uma estória que desperta **interesse** no leitor.” (Wendel Santos, “Os três reais da ficção”, Vozes: Petrópolis, 1978, p. 120).

Por que o homem conta, historiando a sua experiência? O desejo de contar a vida – ou representá-la- não seria uma forma de lutar contra a morte? Por que o homem quer contar o vivido, ou antecipar o futuro? – elaborar-se? Seria uma necessidade do espírito – satisfazer-se verbalizando?

O homem depende da palavra para viver? O fato é que o homem sempre contou – o visto e o imaginado. O homem sempre se explicou ou se projetou no seu contar. O conto alimenta a vida.

Já na infância, o universo das crianças povoa-se de mitos e lendas, fábulas e romances, xácaras e parlendas – gêneros que a literatura oral criou para satisfazer a imaginação.

O homem tende a criar, em cada fase, suas formas de contar, de re-viver os fatos, de aguçar as percepções da vida.

O conto mesmo nasceu ligado à fábula, à lenda, - motivação quase sempre direcionada a uma intenção didascálica - contar para ensinar.

Se, por um lado, o conto libertou-se de uma aplicação imediata (o contar para), porém não se desprende da motivação básica (contar por quê). É o conto se estruturando mais ligado à causa do que à finalidade.

Nessa ordem de ideias ocorre descobrirmos, às vezes, as raízes de um conto num poema. Há quem diga que o conto tem a estatura da narrativa, ou – melhor dizendo – da estória.

É o professor Wendel Santos (trabalho citado na epígrafe, p. 124) quem diz

“Entre o romance e o poema, está o conto: como forma intermediária, participa do caráter de um e de outro. Há o conto com um volume exuberante de estória, e há com volume mínimo: o que não deve existir é o conto sem estória. Porque é na estória que se produz o fenômeno de **situação**, que parece ser um destino geral de qualquer conto.”

No conto “Uma certa porta”, de Bernardo Élis (in “Caminhos e Descaminhos”, Ed. IGL/Ed. Cultura Goiana: Goiânia, 1965, p.95-113), vamos encontrar uma motivação básica – ou da “energia geradora” de que nos fala o mesmo professor Wendel (obra citada, por exemplo num poema de Garcia Lorca, por sinal revelado pelo próprio contista. Em “Uma certa porta” não conta tanto “o volume de “estória” quanto a forma do discurso expressivo que o conto assume. O próprio autor do conto “Uma certa porta” nos previne, quando diz ouvirei sonho, a voz do pai, castrando o seu desejo de possuir Dona Luci: - “Ora, a porta está aberta, ela está lá dentro esperando pelo meu filho, ele sabe disse, mas ele está é enganando vocês, a mim e a si próprio... Meu filho não quer saber de Luci, mas sim dos versos de Garcia Lorca.”

## UM POUCO DE ESTÓRIA

Como Estória, o conto **situa** a expectativa romântica de um homem face à mulher desejada: passa a noite inteira no afã de possuí-la, conjecturando mil maneiras de entrar no seu quarto e de tê-la em seus braços. Aliás, o próprio narrador corrige: “– Entre os braços não é vantagem, - gracejava o Joaquim, Quero ver é entre as pernas.” (p.100).

O conto “Uma certa porta” se desenvolve na base de uma luta entre o **id** e o **superego**, em que o protagonista se debate entre o impulso amoroso, que o **impelle**, e a censura que se impõe ante cada impulso, que o **repele**. Na razão direta do **id** está a figura de Luci – força poderosa que o atrai por trás de “uma certa porta”.

Na razão direta de **superego** estão: a) a sogra de Luci, que a acompanha como um olho mágico; b) a figura do próprio pai, que sempre emerge na consciência do protagonista, como elemento castrador. Indiretamente, como personagens intermediários, figuram na linha da censura, a mulher de pretenso **conquistador**, de quem a sogra de Luci era amicíssima, e ainda os companheiros de viagem agasalhados naquele quarto de pensão do interior.

Ilustrando: seguem-se alguns recortes do conto que evidenciam a **censura** ao impulso amoroso, a luta **id-superego**:

1- “Vamos que eu me aventurasse, que Luci me recebesse, na verdade, Loopoldo era meu amigo, a sogra de Luci, amicíssima de minha mulher...” (p.112).

2- “Homem, pensando bem, preferível é viver em paz com a família, (...) que no final das contas tanto faz a gente comer em pratos de barro como em prato de ouro, assim ensinava aquela mulher a S. João Batista, ou foi S. João Batista que o ensinou àquela mulher?” (p.112).

3- “ - Nenhum, nem outro – dizia meu pai assentado, para minha surpresa, ali no quarto” (...). (p.112).

4- “ – Nem um nem outro – dizia ele rindo. Quem disse isso fui eu e por falar nisso, você vai dormir sem rezar? Isso não foi o que eu te ensinei.” (p.112)

5- “ – É verdade, meu pai, mas eu não posso rezar com o quarto assim cheio de gente...” – “Uai, por que não? – Eles vão caçoar de mim, (...)” – “Deve rezar, -dizia meu pai (...) você não reza por simples respeito humano, (...) Que riam,, que riam: - E uma gargalhada estrondosa tomou conta do quarto, tomou conta do mundo: era o Joaquim escondido debaixo da cama e rindo, rindo, rindo.”

6- “Meu pai dirigiu-se a ele – Olhe, você está desejando a mulher do próximo. Isso não leva ao céu.” – “Pois eu acho que isso é que leva ao céu – retorquiu Joaquim. (...)” – “Se o marido for um Ferapoldo, - disse Joaquim fazendo trocadilho – o conquistador irá direitinho para o céu, com um tiro na bunda... E voltou a rir, a gargalhar.” (p.113)

7- – E, numa repentina deliberação, meu pai terminou: - “Veja, Luci está batendo na porta, mas meu filho vai fugir porque tem muito respeito humano, respeito humano, respeito humano batiam na porta respeito humano batiam na porta súcia de besos e arenas, a me ileve del ria.”

8- - O narrador conclui, evidenciado as interferências castradoras no seu sonho: “– Cinco horas, homem, vamos embora! – ora o chofer me chamando, no outro dia. Dei um pulo da cama limpando os olhos e a primeira coisa que fiz foi meter a cara no corredor: a porta estava fechada.” (p.113)

## O FUNDO POÉTICO

No conto “Uma certa porta”, de natureza erótica, o poético constitui o pano de fundo – digamos assim – sobretudo na parte final em que vem à tona o poema da Garcia Lorca.

A uma certa altura do conto, o poema torna-se o fio condutor da Estória, que se faz descontínua, e vista apenas a compor o contexto poético-amoroso em que o protagonista se move.

Já para criar esse contexto, a montagem da **situação** a partir da qual se desenvolve o conto, tal montagem é feita com recursos poéticos por excelência, explorando-se a camada fônica dos signos:

“Entre um pulo e um coica, eriçando a crina, o cavalo corcoveia, mete a cabeça entre as patas, sacode os freios, um relinche e outro pincho, eis

que vou às nuvens e a sela me foge, refoge o estribo e me estrepo e me atrepo, me agarro no vento: em baixo são pedras e patas e pedras e pontas de puas.” (p.95).

Paralelo a esse quadro é o dos animais fazendo amor lá fora. Dentro, desenvolve-se o quadro íntimo, cheio de tensões, do instinto sexual latejando nas veias de um homem famélico de mulher.

Eis quando o narrador nos introduz num mundo de penumbra em que vem à tona, entre a vigília e o sonho, a poesia do amor como “energia geradora” do conto. - “No silêncio da noite morta, consertei a garganta. Em resposta, a luz apagou-se por alguém que a soprou tão leve...” (p.98).

No desenrolar de toda uma tessitura amorosa que depois vai se intensificar durante o sonho, o que marca o descontínuo da estória – e ao mesmo tempo motiva o seu prosseguimento – é o fundo poético da narrativa, conforme podemos notar através do recorte de alguns elementos paralelos (de um lado, a estória, e, de outro lado a sua motivação poética).

#### ESTÓRIA

1- “que sentira tal jovem senhora  
a tais desoras, ao ouvir tais  
ruídos, sabendo que perto dela  
dorme ou vela homem também há  
longos e terríveis dias longe  
de qualquer mulher?”  
(p.97).

#### ESTÓRIA

2- “Levantei-me, fui à janela que  
abri. Nesse ponto notei que no  
quarto vizinho também os corpos  
se revolviam, as sombras  
dançavam.”  
(p.98)

3- “Ela era bela, tinha lá suas  
aventuras, como comentavam,  
mas sua sogra era amiga íntima  
de mulher e eu não queria  
complicações. Vivia bem

#### FUNDO POÉTICO

“ E a noite era uma longa  
noite de chuva quente  
e molhada, da molhadeza  
quente de uma jovem boca.”  
(p.97)

#### FUNDO POÉTICO

“Oh, o ar fresco da noite  
aberta para os campos!  
Ries, fontes, águas que  
correm no frescor das vales,  
banhando as verdes  
franjas das samambaias.  
Gotas de chuva nas folhas,  
passada a tempestade”  
(p.98)

“Mas espere aí, vamos devagar,  
que havia a inquietude  
da tarde: sim, tarde  
bonita, de arco-íris armado  
na testa feito mocinha  
namoradeira”, (...)

com a minha cara metade e isso  
me bastava,”  
(p.101)

4- “Atravessei quase correndo o  
espaço me separava da pensão,  
sentindo, como nunca sentira  
tão aguda, a imensa importância  
das oportunidades.” (p.108)  
”Ao chegar na pensão, encontrei a  
casa quieta e muda, o candeeiro  
de azeite alumando o corredor.  
Para esse corredor dava o quarto  
de Luci. Num relance vi que a  
porta estava semicerrada.”  
(p.109)

#### ESTÓRIA

5- “Acendi a vela, assoviei, fiz  
barulho, dando a entender que  
havia chegado e estava sozinho  
no meu quarto.”  
(p.110)

6- “Agora me chamaram. Tinha certeza  
que me haviam chamado pelo nome,  
claramente. Só poderia ser Luci.  
Fui ao corredor, olhei demoradamente,  
o candeeiro velho cambaleava  
feito um bêbado, vai não vai.”  
(p.111)

#### De Garcia Lorca:

“Se apagaran los faroles y  
se encendieren los grillos.  
En las últimas esquinas  
toqué sus pechos dormidos,  
y se me abrieren de pronto  
como ramos de jacintos  
  
tienen el cutis tan fine...”  
(p.108)

#### FUNDO POÉTICO

Aquella noche corri  
El mejor de los caminos,  
montado em potra de nácar,  
sin bridas e sin estribes.”  
(p.111)

#### Repetição enfática:

“aquella noche corri  
el mejor do los camines  
montado em potra...”  
(p.111)

7- “E por cima, que estupidez ficar-me  
martirizando na espera de Luci.”

(p.111)

“Para que tanto cuidado com uma  
mulher falada.”

(p.112)

8- “Um encontro amoroso não é coisa  
que se contenha nos frágeis limites  
de alguns segundos de vida.”

(p.112)

9- “ – Gritei eu.” (p. 113)

“...muntado em potra de nácar  
sin bridas y sin estribos...”

“no quiero decir, por hombre,  
las cosas que Ella me dije”

(p.112)

“creyendo que era mezuela,  
pero tenia marido.”

(p.112)

“- me porté como quien soy.”

(p.113).

Não se pretendeu com o levantamento dos elementos poéticos presentes no conto de Bernardo Élis, provar que o conto se transformou num poema, ou vice-versa. O que se quis foi demonstrar, evidenciar a “energia geradora” do conto, a presença de uma forma literária **expressiva** no conjunto das demais formas literárias descritivas ou expositivas. (Veja-se o artigo “O sentido das formas”, Wendel Santos, obra citada) bem dosadas pelo autor, tendo em vista o seu propósito criativo.

---

**SOBRE O AUTOR****Emílio Vieira das Neves**

Professor titular aposentado da UFG, advogado e escritor, membro da Academia Goiana de Letras (AGL), da União Brasileira de Escritores de Goiás (UBE-Goiás), da Associação Goiana de Imprensa (AGI), da Comissão Goiana de Folclore e do Instituto Cultural Bernardo Élis Para os Povos do Cerrado (Icebe). Possui graduação e pós-graduação nas áreas de Direito, Letras e Artes. Especialista em História da Arte, Língua e Cultura Italiana, pela Universidade Italiana para Estrangeiros, de Perugia. Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Publicou "O Expressionismo em Bernardo Élis e Siron Franco", dentre outras obras.

---

*Recebido para publicação em Outubro de 2020*

*Aprovado para publicação Novembro de 2020*